

10 ES 1750

Do possível, do impossível e do absurdo.

Consideremos a seguinte frase: "A nossa conversação não esgote todas as possibilidades." Trata-se de uma frase aparentemente inocua. A primeira vista não parece oferecer maiores dificuldades, nem quanto ao seu significado, nem quanto à sua estrutura. Sentiremos, entretanto, surgir as primeiras dúvidas quanto à sua simplicidade, se formos convidados a explicar-lhe o significado. Essas dúvidas não são o clima vivencial da vertigem, como se a nosso intelecto estivesse a olhar para dentro de um abismo, ao contemplar o significado da frase proposta. A vertigem é resultado da maneira curiosa pela qual o nosso intelecto progride ao penetrar o significado da frase. O significado parece estar sempre ao alcance da mão, e retroceder um passo diante do intelecto que o persegue, retroceder o mesmo passo que o intelecto avança. Este retroceder contínuo de um significado aparentemente de fácil alcance, e esta vertigem que se apodera do intelecto em busca de significado, são fenômenos característicos. Caracterizam frases que significam e Ser em si. Sugiro, portanto, que a frase a ser considerada tem este significado.

Se recorreremos, em primeira instância, ao senso comum para "explicar" o significado da nossa frase, este, depois de duas ou três tentativas frustradas, fará a seguinte objeção: "A frase foi tirada do seu contexto. Ela não tem significado fora do contexto, mas é perfeitamente compreensível dentro dele. Por exemplo: Se a conversação em questão versar sobre a construção de uma casa, a frase significa que não foram mencionadas, no curso da nossa conversação, todas as possibilidades da construção dessa casa." O espírito crítico não gostará dessa explicação oferecida pelo senso comum. "Se a nossa conversação versa sobre a construção de uma casa", responderá ele, "ela é o projeto dessa construção. A construção será ou não realizada, de acordo com o curso que essa conversação tomar, e, se for realizada, o será conforme a conversação estabelecer. Em consequência são as possibilidades da construção idênticas com as possibilidades da conversação. A nossa frase deve ter, portanto, um significado independente do contexto reconstruído pelo senso comum, se é que tem um significado." Se o senso comum compreender o alcance deste argumento, (coisa da qual duvido, porque o senso comum não é dado à meditação), ficará atrapalhado. Tentará, se for esperto, a seguinte saída: "Escolhi mal o contexto, porque a construção da casa é algo ainda não realizado, está no território do possível. Neste caso, admito que a conversação seja idêntica com o conversado. Tomemos, entretanto, um outro exemplo, mais fácil. Admitamos que a nossa conversação verse sobre a guerra púnica. Neste contexto o significado da nossa frase será que não foram mencionados no curso da conversação todas as realidades que são chamadas, coletivamente, de "guerra púnica". O espírito crítico não se dará por satisfeito. "A guerra púnica", responderá, "é realizada sómente na medida em que entra na nossa conversação. Uma guerra púnica da qual não existe conversação, não existe. "Realidades" da guerra púnica que não são conversadas não são realidades. A guerra púnica se

nossa conversação é o projeto da guerra púnica tanto quanto o é da construção da casa! A guerra púnica terá ou não lugar de acôrdo com o curso da nossa conversação; e, se tiver lugar, a terá conforme a conversação estabelecer. Em consequencia, são as possibilidades da guerra púnica idénticas com as possibilidades da conversação. A nossa frase deve ter, portanto, um significado independente de qualquer contexto, se é que tem um significado." A esta altura do argumento, o senso comum abandona, com nojo e desprezo, a procura de significado, e nós devemos prosseguir sem ele.

Repitamos a nossa frase, à qual procuramos o significado, agora fóra de qualquer contexto: "A nossa conversação não esgota todas as possibilidades." Tentemos, em primeiro lugar, definir-lhe o sujeito, aquilo, portanto, do qual a frase predica.